

## O POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DA PONTA DA PASSADEIRA: ECONOMIA RIBEIRINHA DOS IV/III MILÉNIOS A. C.

JOAQUINA SOARES\*

### Resumo

A autora procede à apresentação do sítio pré-histórico da Ponta da Passadeira, localizado na frente ribeirinha do concelho do Barreiro. Esta jazida arqueológica, de grande interesse para o conhecimento das origens do povoamento na região, foi objecto de escavações arqueológicas em 1995 e em 1998, estando igualmente previstos trabalhos de campo em Julho de 1999, sob a direcção da signatária. As escavações em curso na Ponta da Passadeira integram-se em um projecto de investigação de âmbito regional desenvolvido pelo Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal e contam com a participação da Câmara Municipal do Barreiro e do Instituto Português de Arqueologia.

A Ponta da Passadeira foi ocupada, pela primeira vez, durante o Paleolítico médio. A cultura material desta fase, que não será por agora abordada, mostra claras afinidades com a do vizinho estabelecimento da Conceição (Alcochete), datado de cerca de 30 000 anos. A segunda fase de ocupação da Ponta da Passadeira ocorreu entre os finais do IV e o segundo quartel do III milénios antes da Cristo, ou seja, nos finais do Neolítico e no Calcolítico inicial. Este povoado pré-histórico, com cerca de 5000 anos, dá-nos conta de adaptações das sociedades humanas a meios ribeirinhos, em fase evolucionada do modo de produção doméstico. A olaria mostrou-se a actividade de maior visibilidade arqueológica.

---

\* Directora do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.

## **Introdução**

O povoado da Ponta da Passadeira (Barreiro), identificado por António Gonzalez em 1995, foi objecto da primeira intervenção arqueológica nesse mesmo ano. Tratou-se de uma escavação de emergência motivada pelo facto da erosão fluvial estar a desmontar os níveis arqueológicos. A segunda campanha de escavações realizou-se em 1998, integrada em um projecto de investigação<sup>1</sup>, de escala regional, coordenado pela signatária — “Povoamento e arqueologia da paisagem durante a Pré-história recente e a Proto-história no sector oriental da Arrábida” — desenvolvido pelo Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, com a participação do Instituto Português de Arqueologia, Câmara Municipal do Barreiro e Parque Natural da Arrábida.

A inclusão do sítio de habitat ribeirinho da Ponta da Passadeira (Figs.1 e 2) naquele projecto abriu uma estimulante frente de investigação sobre as adaptações económico-culturais a meios biofísicos específicos e sobre a diversidade do registo arqueológico nos finais do IV e primeira metade do III milénios cal BC.

Na região de Setúbal evidenciam-se, durante a Pré-história recente, duas formações económico-sociais bem distintas: uma agro-marítima, que ocorre na fímbria estuarina de ambos os rios que limitam a Península e se encontra bem representada pela Ponta da Passadeira, na margem do Tejo e pelo Possanco (Comporta), no Sado; outra, agro-pecuária, que abrange a maior parte daquela mesoptâmia e que, na área a que o nosso projecto de investigação respeita, se encontra representada sobretudo pelos sítios de Chibanes, Pedrão e Rotura (TAVARES DA SILVA & SOARES, 1986). É nosso objectivo vir a isolar e a definir estas duas realidades arqueológicas que extravasam, como veremos, a Península de Setúbal.

## **Localização**

O povoado pré-histórico da Ponta da Passadeira localiza-se sobre uma restinga arenosa da margem sul da desembocadura do esteiro da Moita, no médio estuário do Tejo (Mar da Palha). A montante da restinga (sul), em situação de abrigo, formou-se um sapal, parcialmente ocupado por salinas. A norte, a restinga confina com um raso de maré assente sobre plataforma de abrasão, formada por arenitos mal consolidados do Plio-pleistocénico. Os

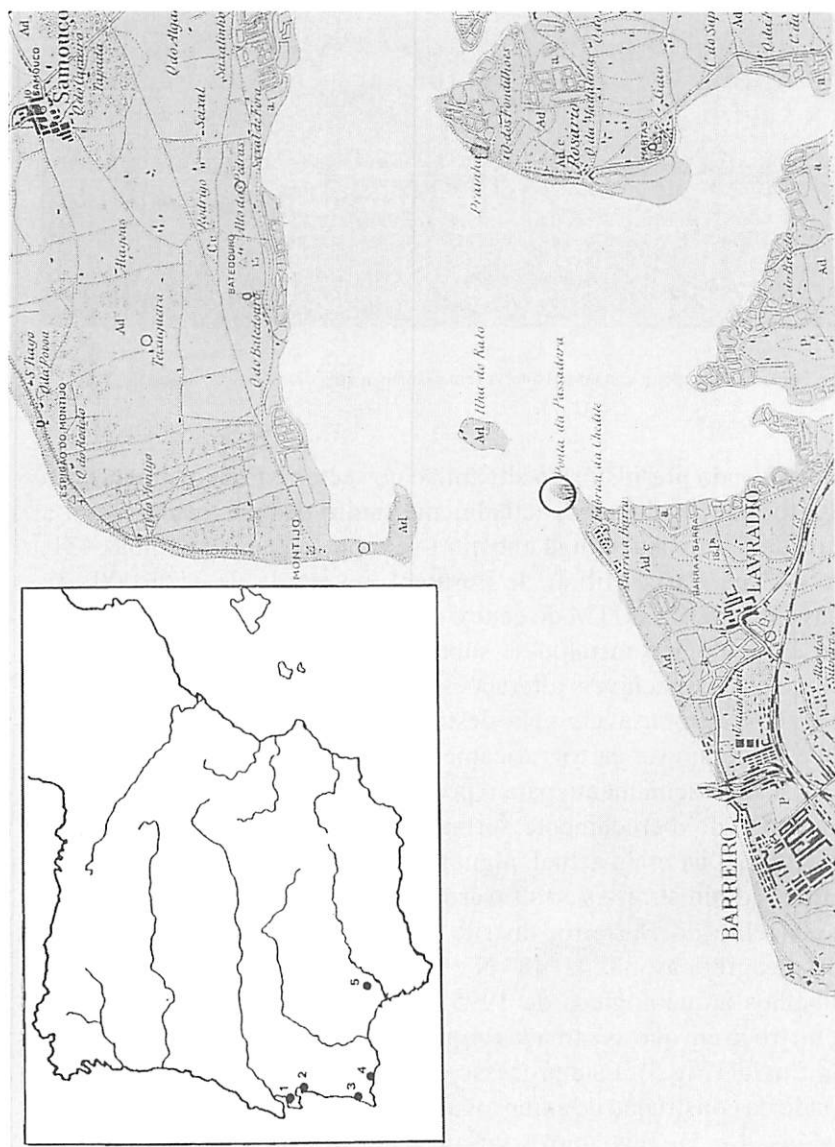


FIGURA 1 – Localização da Ponta da Passadeira (assinalada por círculo) na Carta Geológica dos Arredores de Lisboa, esc. 1: 50 000 (reduzida a 67%), Serviços Geológicos de Portugal. Em caixa: sítios do Neolítico final/Calcolítico inicial do SW peninsular, dotados de economias marino-estuarinas

(1-Ponta da Passadeira; 2- Possanco; 3- Montes de Baixo; 4- Quarteira - Forte Novo; 5-Marismilla). Esc. aprox. de 1: 16 226 000



FIGURA 2 – Ponta da Passadeira vista da Fisipe. A seta assinala a área da escavação arqueológica

vestígios do povoado pré-histórico situam-se no sector NE da restinga. Esta inclui ainda formações dunares, actualmente muito desmanteladas, com a cota máxima de 5.9 m. A restinga encontra-se representada nas folhas 431, 432, 442 e 443 da Carta Militar de Portugal, na escala de 1/25 000. As coordenadas cartográficas UTM do centro da restinga são: 29S MC 962 812.

O sítio arqueológico instalou-se sobre uma estrutura geomorfológica muito dinâmica. As apreciáveis alterações que a mesma sofreu nos últimos vinte e seis anos, responsáveis pela destruição de grande parte da jazida arqueológica, puderam ser cartograficamente documentadas.

Como base de assentamento para o povoado, foram escolhidas as areias de praia e evitadas, deliberadamente, formações argilosas de um paleossapal, de que são visíveis, na praia actual, alguns afloramentos.

Em termos administrativos, o sítio arqueológico pertence à freguesia do Lavradio, concelho do Barreiro, distrito de Setúbal. Possui as seguintes coordenadas geográficas: 38° 41' 48" N ; 9° 2' 32" W.

Os trabalhos arqueológicos de 1995 e 1998 incidiram sobre a frente ribeirinha, no troço em que as camadas arqueológicas estavam a ser afectadas pela erosão fluvial (Fig.3). Este processo erosivo intensificou-se a partir de 1973, aquando da construção de extensos aterros industriais para a instalação da Fisipe (Figs. 4 e 5). Tais aterros viriam a destruir totalmente o coberto florestal da área e a determinar profundas alterações na linha de costa, em resultado do desvio que imprimiram à corrente de deriva litoral, com consequentes reflexos no balanço sedimentar. Não só a informação

Figura 3 - Localização dos sectores intervenionados em 1995 e 1998, sobre levantamento aerofotogramétrico de 1991 (Câmara Municipal do Barreiro)

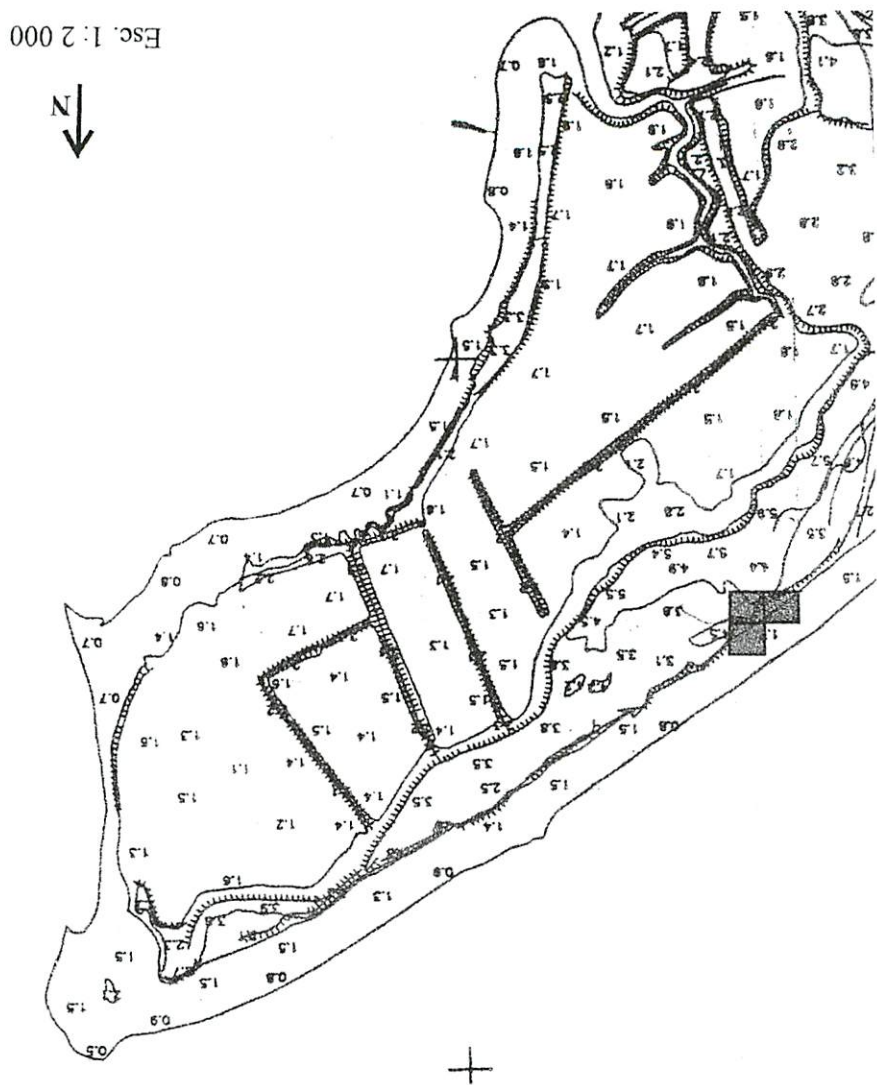




FIGURA 4 – Vista aérea da Ponta da Passadeira, em 1973, antes das obras de terraplenagens, destinadas à construção da Fisipe. A seta assinala a área ocupada pelo povoado pré-histórico. Arquivo fotográfico da Quimiparque



FIGURA 5 – Vista aérea da Ponta da Passadeira, em 1973, aquando dos trabalhos de terraplenagens para a construção da Fisipe. Em penúltimo plano, a ilha do Rato. Arquivo fotográfico da Quimiparque

cartográfica, mas também o levantamento topográfico das raízes de árvores existentes na zona intertidal mostram que a Ponta da Passadeira seria, consideravelmente, mais extensa na direcção do quadrante norte (Fig. 6).

## Estratigrafia

A nossa escavação abrangeu, nas duas intervenções referidas, uma área com cerca de 54m<sup>2</sup>, permitindo observar (de cima para baixo) a seguinte estratigrafia geral<sup>2</sup> (Fig.7):

- C.1 — Duna móvel, muito mal conservada. Espessura máxima na área escavada, *ca.* 1,60 m. É constituída por areia branca, fina a média, moderadamente calibrada, com 0,3% de finos, sem Ca CO<sub>3</sub>, nem matéria orgânica.
- C.2 — A sua espessura varia entre 0.17 e 0.37m. É formada por areia argilosa de cor pardacenta, com baixa frequência de finos (17-19%); a fracção arenosa é constituída na sua maior parte por quartzo (91-93%). O teor de carbonatos varia entre 3 e 4%; a matéria orgânica varia entre 1 e 2%. A C.2 pode ter-se formado a expensas da camada inferior, mas também a partir de apортаções eólicas. Escurece, gradualmente, em profundidade. Baixa frequência de materiais arqueológicos, em geral rolados.
- C.3 — A espessura varia entre 0.03 e 0.50m. Distingue-se da C.2 e da C.4 pela sua cor castanho-escura (10YR4/3). Possui textura areno-argilosa de grão fino a médio (< 1 mm), bem calibrada, podendo, no entanto, surgir grãos de quartzo rolados com 5-10 mm de diâmetro. O teor de Ca CO<sub>3</sub> é de cerca de 5% e a frequência de matéria orgânica, *ca.* 2%. Possui maior percentagem de finos (22 a 27%) que a C.2, sendo, pois, mais compacta. O limite superior, nem sempre fácil de marcar, é horizontal ou sub-horizontal; o limite inferior mostra-se bastante irregular, apresentando, com frequência, fossas escavadas na C. 4. Atribuímos a cor escura característica desta camada ao seu enriquecimento em matéria orgânica, resultante dos numerosos depósitos de lixo doméstico que a integraram. As sub-camadas artificiais revelaram-se aqui de algum interesse. A parte superior (primeiros 10 cm) forneceu cerâmica pré-histórica rolada, em

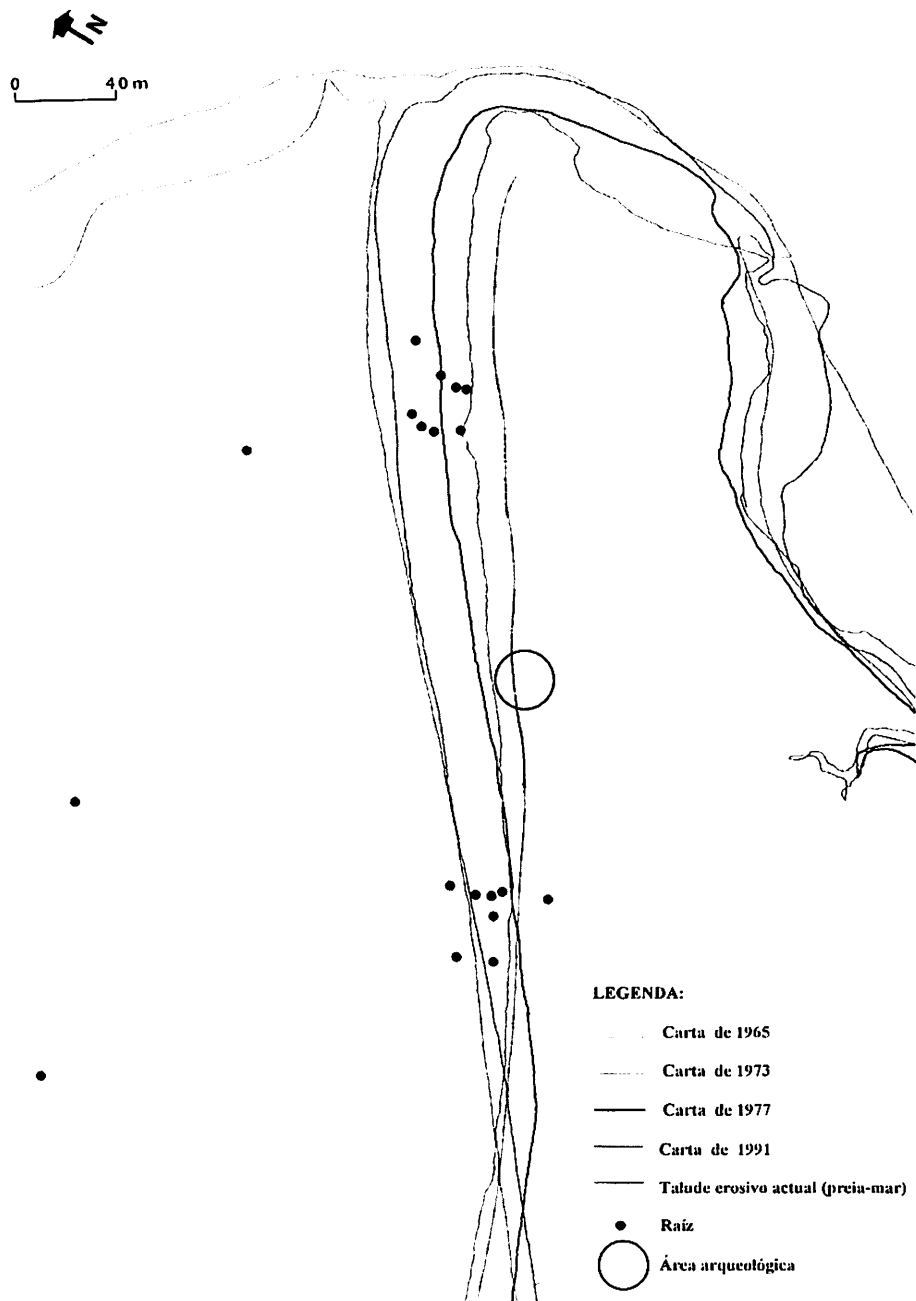


FIGURA 6 – Evolução recente da linha de costa da Ponta da Passadeira, observada a partir da cartografia disponível e do levantamento topográfico das raízes de árvores existentes no actual raso de maré. Estas irão ser objecto de datação radiométrica

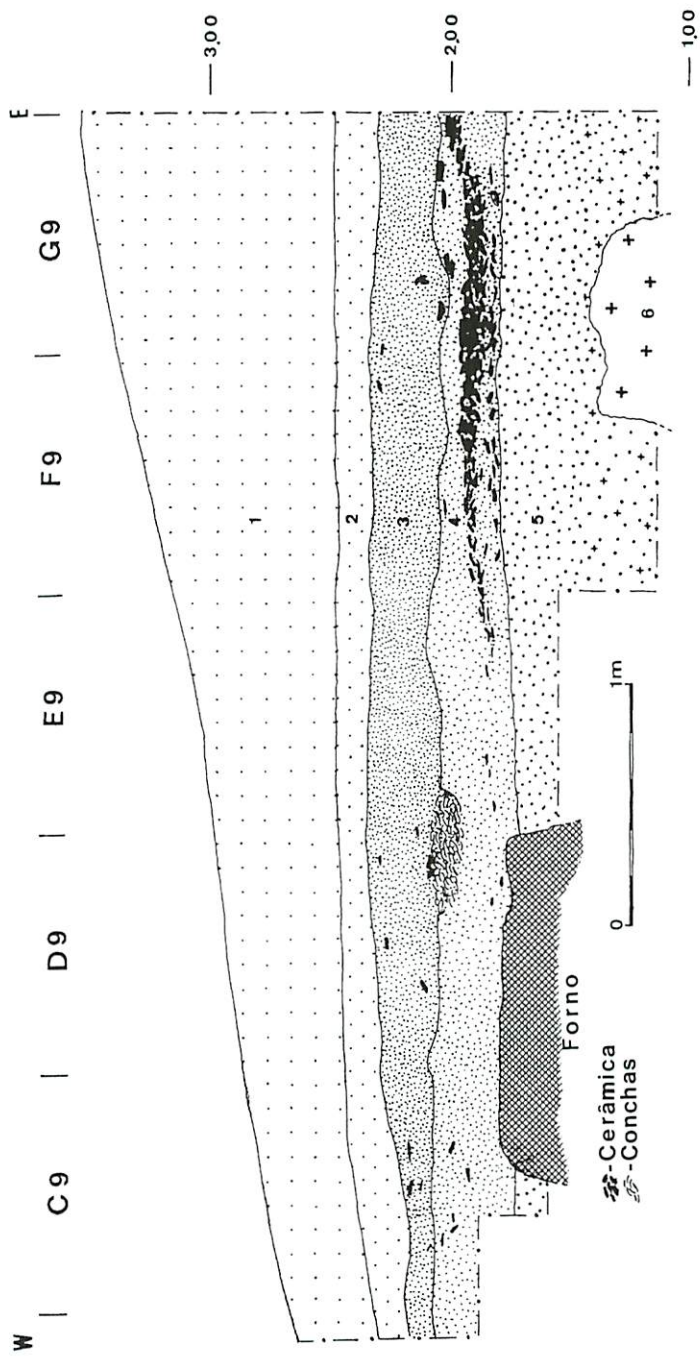


FIGURA 7 – Ponta da Passadeira, 1998. Perfil estratigráfico obtido no Sector 54, Qs. C9-G9

pequenos fragmentos, e alguns materiais recentes, não rolados, que parecem remontar ao séc. XVI (ceitel e bordo de prato de pescado em “louça vermelha”). Na plena C.3 recolheu-se cerâmica exclusivamente pré-histórica, rara indústria lítica e restos faunísticos, em geral organizados em estruturas de rejeição. A proliferação de lixeiras parece mostrar que a área escavada corresponderia à periferia do povoado.

C.4 — A espessura varia entre 0.17 e 0.80m (fornos). Areia argilosa de cor castanho-média, castanho-amarelada (10YR5/4) e castanho-pálida (10YR6/3), de grão fino a médio (<1 mm), bem calibrada, podendo apresentar significativas variações laterais. Exceptuando os fornos, a frequência de finos varia entre 14% e 23%. O teor de carbonatos varia entre 5 e 12% e a matéria orgânica, entre 0,5 e 0,9%. Trata-se de uma camada sub-horizontal, que assentou sobre areias de uma restinga. A subdivisão em camadas artificiais revelou-se de grande utilidade, pois permitiu isolar nos Qs. F6 e G6 duas gerações de entulheiras de fornos de cozer cerâmica. A C.4 constituiu-se, essencialmente, a expensas do substrato (C.5), com importantes contribuições de argila transportada e transformada localmente por via antrópica: construção de fornos de cozer cerâmica, desmantelamento das cúpulas dos mesmos, acumulação de entulheiras com os subprodutos daquela actividade. Os vestígios da acção do fogo estão bem patentes na rubefacção dos sedimentos, na cozedura da argila utilizada nas estruturas e ainda na vitrificação de grãos de areia<sup>3</sup>.

Os restos faunísticos surgem de forma mais dispersa que na C.3, constituindo, raramente, pequenas bolsas de conchas (p.ex. no Q. C10) ou integrando as entulheiras de fornos. A C.4, muito embora de matriz genericamente areno-argilosa, mostrava variações laterais, como atrás se disse; os quadrados das fiadas E-G forneceram elevadas densidades de fragmentos de recipientes cerâmicos organizados em entulheira; em torno de alguns fornos cuja actividade parece ter sido mais intensa (Qs. F2-F3 e G1-G3 do Sector 55), observou-se uma fácies sedimentológica (resultante da desmontagem das cúpulas dos fornos?) constituída por areia argilosa castanho-avermelhada, endurecida por acção térmica, com nódulos de barro cozido e pequenos agregados de sílica vitrificada, que oferece pouco espólio e envolve directamente os fornos.

Todos os fornos até agora identificados pertencem à C.4 e a sua infra-estrutura mergulha, mais ou menos profundamente, na C.5. As análises sedimentológicas dos materiais que os constituem revelaram que a superestrutura dos mesmos (vestígios de cúpulas e de câmaras de combustão) apresentam texturas areno-argilosas, com comportamento plástico, muito embora a frequência de finos não seja muito elevada (27-38%). O teor de carbonatos varia entre 6,3 e 7,5% e a matéria orgânica, em torno de 2%. As cores são castanho- amarelada (10YR5/4) e castanho-acinzentada (10YR5/2).

As infra-estruturas dos fornos, sem acção térmica, enterradas em fossas escavadas nas areias fluviais da C.5, apresentam textura vaso-arenosa, de grão fino e heterogranular, com 55-59% de finos. A frequência de  $\text{Ca CO}_3$  varia entre 3 e 8% e a de matéria orgânica, entre 0,5 e 0,6%. Domina a cor cinzenta: cinzento-azeitona clara (5Y6/2); cinzento clara (10YR7/2) e cinzento-acastanhada clara (10YR6/2). É muito provável que a matéria-prima utilizada na construção dos fornos tivesse sido extraída do paleossapal coevo. A sua textura revelou cerca de 95-99% de finos.

- C.5 — Espessura máxima indeterminada, podendo ultrapassar os 0.65 m. Areias fluviais, médias, heterogranulares, com alguns grãos de quartzo até 2cm. Os finos variam entre 6 e 8%; os carbonatos apresentam cerca de 0,9% e a matéria orgânica varia entre 0,1 e 0,2%. A cor é amarelada clara (10YR6/6) e castanho-amarelada clara (10YR5/8). A parte superior desta camada (esp. de 0.10-0.15m) apresentava ainda alguns materiais provenientes da camada superior, infiltrados por pisoteamento e como tal foi escavada em toda a área. Nos Qs.F9 e G9, aprofundou-se na C.5, tendo-se atingido uma espessura máxima de 0.65 m. Esta camada forneceu alguns materiais do Paleolítico médio, muito semelhantes aos do vizinho sítio da Conceição (Alcochete); eram raros nos primeiros 0.35 m, surgindo em maior número nos 0.15 m seguintes, quando a C.5 adquire uma cor mais alaranjada, em resultado da presença de concreções ferruginosas. Esta ocupação humana não será aqui apresentada.
- C.6 — Espessura máxima indeterminada. Arenito ferruginoso mal consolidado do Plio-pleistocénico, constituído por areia alaranjada média a grosseira, mal calibrada e compacta, com 17,7% de finos, 1,2% de matéria orgânica e 0% de  $\text{Ca CO}_3$ .

## Estruturas

Na base da C.3 identificaram-se, em 1998, diversas fossas, sete das quais correspondiam claramente a estruturas de rejeição, onde se conservaram conchas de amêijoa (*Venerupis decussata*), navalha (*Solen marginatus*) e ostra (Figs. 8 e 9).

Em 1995, já se havia escavado uma lixeira doméstica (Figs. 10 e 11), de maiores dimensões que qualquer uma das identificadas em 1998, e que forneceu além de fauna malacológica, restos de peixes. O estado de conservação das conchas dos moluscos é, em geral, medíocre, facto que só por si revela o carácter residual desses vestígios.

Na base da C.4, identificou-se uma única estrutura de combustão, plana, muito mal conservada, definida por termoclastos fracturados *in situ*, junto da qual foi encontrado um corniforme. Na mesma camada, registaram-se vários fornos de cozer cerâmica, associados às respectivas entulheiras (Fig. 12). São estes fornos que conferem ao sítio da Ponta da Passadeira uma acentuada singularidade. Em 1995, já havíamos escavado um destes fornos e registado, na praia, os restos de outros sete. Em geral, apresentam planta subcircular, cujo diâmetro máximo varia entre 1,30 m e 0,90 m, e são dotados de uma espessa infra-estrutura que mergulha em uma fossa grosseiramente simétrica, aberta na C. 5 (Fig. 13). A espessura e a natureza do embasamento asseguravam a concentração e a conservação do calor. Sobre esta base encontravam-se esboçadas uma câmara de combustão e abóbada. Esta deveria ser frequentemente refeita. O estudo sedimentológico de amostras recolhidas nos fornos realizado por Alexandra Amorim apoia o que ficou dito. Em alguns fornos foi possível recuperar a câmara de combustão, quando a mesma sofreu reutilização como depósito de lixos e na situação, particularmente favorável, do perfil meridional da área escavada em 1998, que cortou um forno excepcionalmente bem conservado.

## Materiais

Os ecofactos conservaram-se mal, devido à lixiviação intensa das areias. Encontraram-se ossos de mamíferos e de peixes e conchas de moluscos marino-estuarinos (*Venerupis decussata*, *Solen marginatus*, *Ostreidae* n. i.).

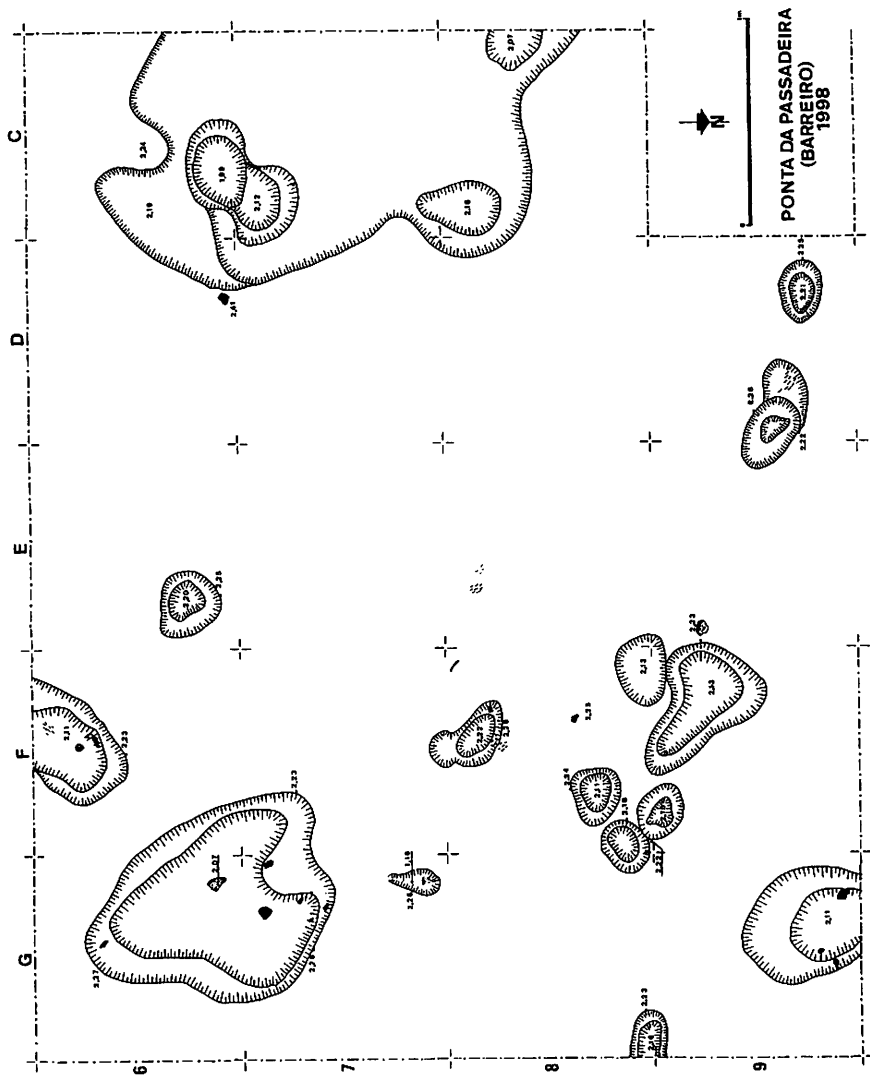


FIGURA 8 – Ponta da Passadeira, 1998. Levantamento microtopográfico das fossas, destinadas a depósitos de lixos domésticos, escavadas na C.3. (● – cerâmica; ▨ – conchas)



FIGURA 9 – Ponta da Passadeira, 1998. Escavação da estrutura de rejeição dos Qs. G6 e G7, do Sector 54



FIGURA 10 – Ponta da Passadeira, 1995. Do lado direito da escavação, pode-se observar uma lixeira doméstica, rica em conchas, da C.3 (Estr. 1); o corte longitudinal da mesma mostrou tratar-se de uma estrutura muito pouco profunda, que assentou sobre a entulheira de um forno de cozer cerâmica da C.4



Fig.11 – Ponta da Passadeira, 1995. Pormenor da lixeira representada na figura anterior, onde é possível observar abundantes conchas de amêijoia (*Venerupis decussata*) e a sua sobreposição relativamente à entulheira de cerâmica, da C.4

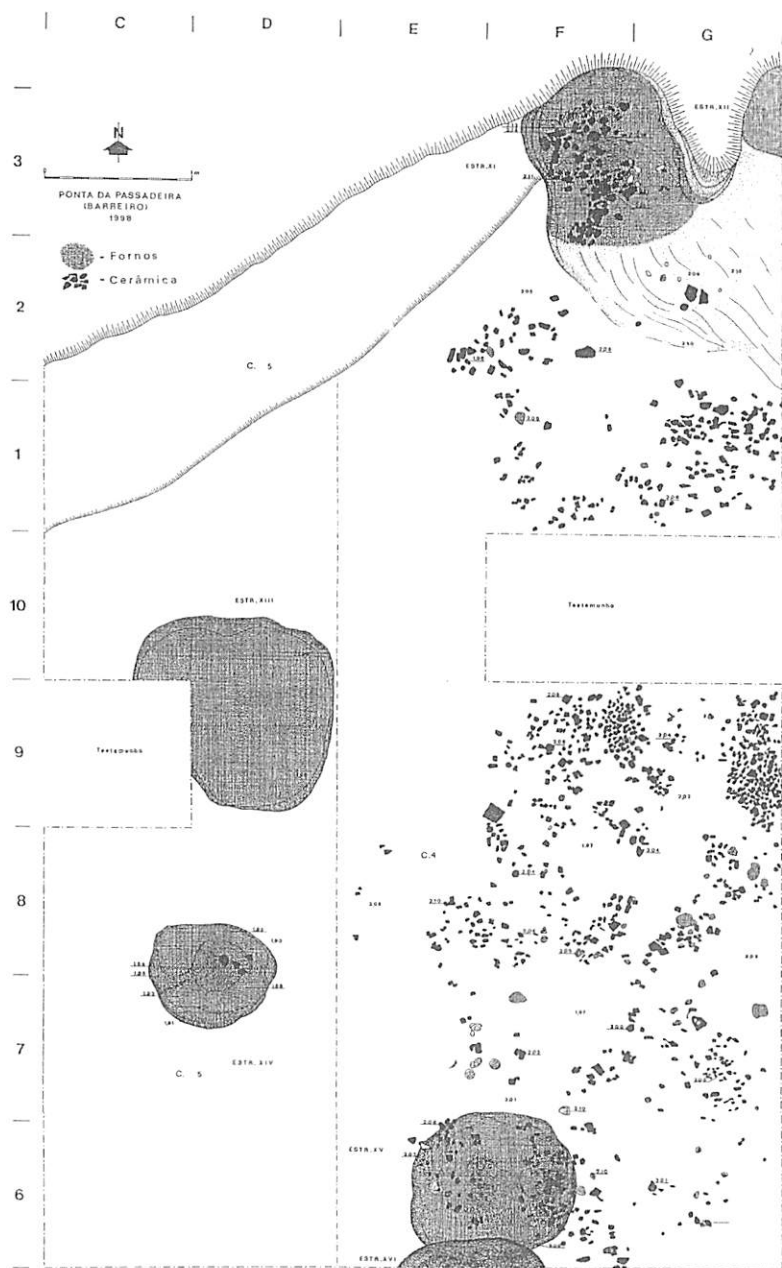


Fig.12 – Ponta da Passadeira, 1998. Planos da C.4 (nível de entulheiras) e da C.5 (nível de embasamento dos fornos de cozer cerâmica)

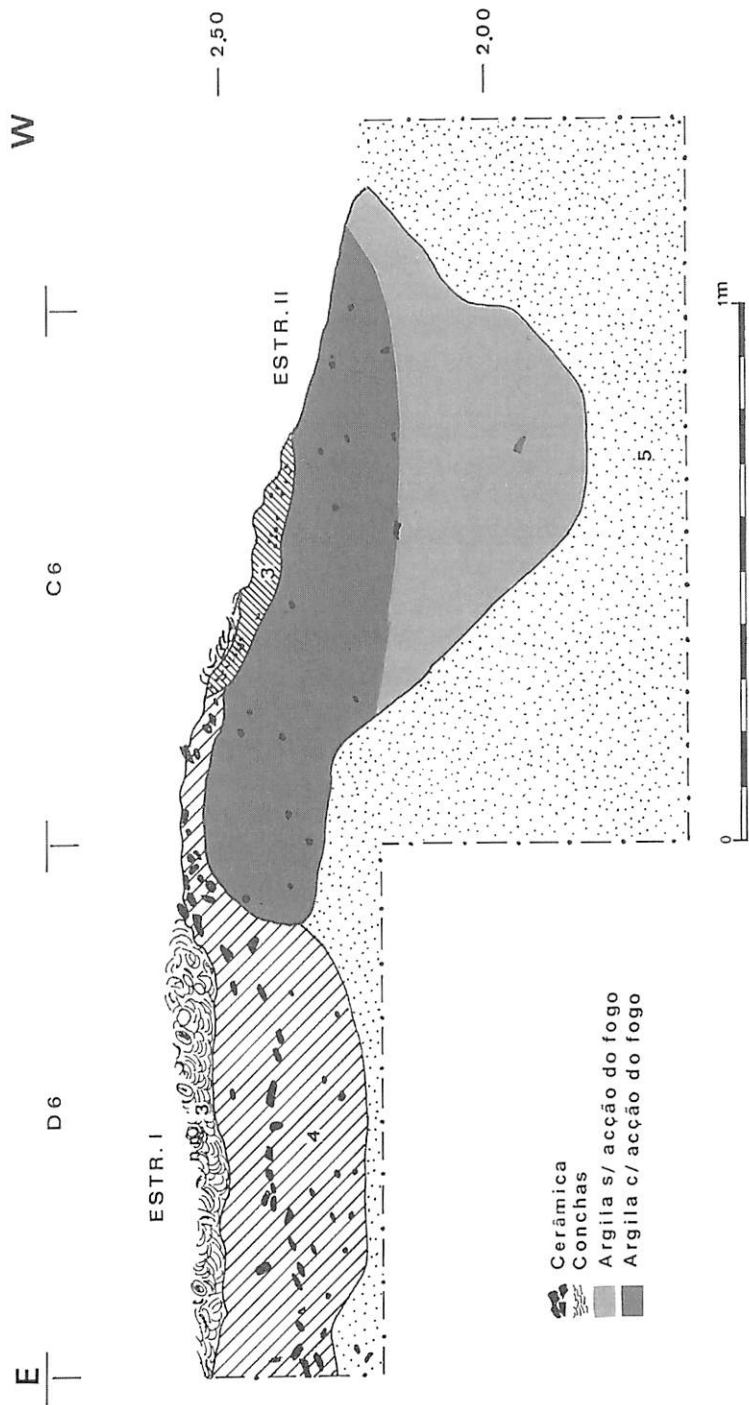


Fig. 13 – Ponta da Passadeira, 1995. Perfil estratigráfico de um forno de cozer cerâmica que se encontrava exposto no talude de erosão fluvial (Sector 49, Q8, C6 e D6). O que restava da câmara de combustão conservava no seu interior restos de uma lixeira rica em conchas de *Solen marginatus* (C.3). Em conexão com o forno, existia uma entulheira constituída por numerosos fragmentos de cerâmica e nódulos de argila cozida (C.4). O forno foi instalado em uma fossa aberta nas areias da C.5, a partir da base da C.4. A parte inferior da estrutura II (cinzento claro) era constituída por argila muito plástica, cinzento-esverdeada, sem acção do fogo; ao contrário, a parte superior (zona negra) da mesma estrutura revelava nítida acção térmica

A cultura material é dominada por recipientes cerâmicos (Fig. 14), em geral lisos e montados segundo a técnica do rolo. Predominam as formas derivadas da esfera, mas ocorrem também taças carenadas e troncocónicas de fundo plano. São comuns os orifícios de suspensão. Uma das raras decorações presentes consiste em impressões sobre o perfil externo do bordo (“bordo denteado”) e em cordões segmentados, localizados imediatamente abaixo do bordo.

Surgiram corniformes singulares (Figs. 15 e 16) em cerâmica, ostentando quase sempre pequenos estalamentos provocados por exposição ao fogo, após cozedura. Um exemplar encontrava-se associado à única lareira de carácter doméstico até agora identificada, na base da C.4.

A indústria lítica é francamente escassa e está representada por raros utensílios de corte, em sílex (lascas, lamelas, lâminas), raros instrumentos em pedra polida e diversos elementos de mós manuais.

Os artefactos até agora exumados na Ponta da Passadeira formam um conjunto homogéneo que revela algumas afinidades com contextos considerados do Neolítico final da Estremadura e datados da 2.<sup>a</sup> metade do IV a inícios do III milénio cal BC como a C.4 de Leceia (CARDOSO, SOARES & TAVARES DA SILVA, 1996) e, particularmente, com o povoado ribeirinho de Possanco (Comporta), datado entre finais do IV e primeira metade do III milénio cal BC (TAVARES DA SILVA *et al.*, 1986). As datações da Ponta da Passadeira, como veremos, apontam para um óptimo de ocupação centrado no primeiro quartel do III milénio cal BC. Tanto a Ponta da Passadeira, como o sítio de Possanco parecem documentar o prolongamento de um modo de vida neolítico por um tempo calcolítico.

### **Cronologia e periodização: um desenvolvimento a duas velocidades a partir dos inícios do Calcolítico?**

Dispomos actualmente de seis datações para a ocupação da Pré-história recente da Ponta da Passadeira (Quadro I): uma obtida a partir de amostra de osso humano e as restantes, a partir de conchas de *Venerupis decussata*. As Cs. 3 e 4 forneceram datas estatisticamente idênticas, o que parece apoiar a ideia de uma rápida formação dos depósitos arqueológicos. Após correcção para o efeito de reservatório oceânico obtiveram-se valores que variam entre  $4370 \pm 80$  BP (Beta-126095) e  $4170 \pm 80$  BP (Beta-126093) a que corresponde, para um grau de confiança de 2 sigma, um intervalo de 3333 — 2492 cal BC.

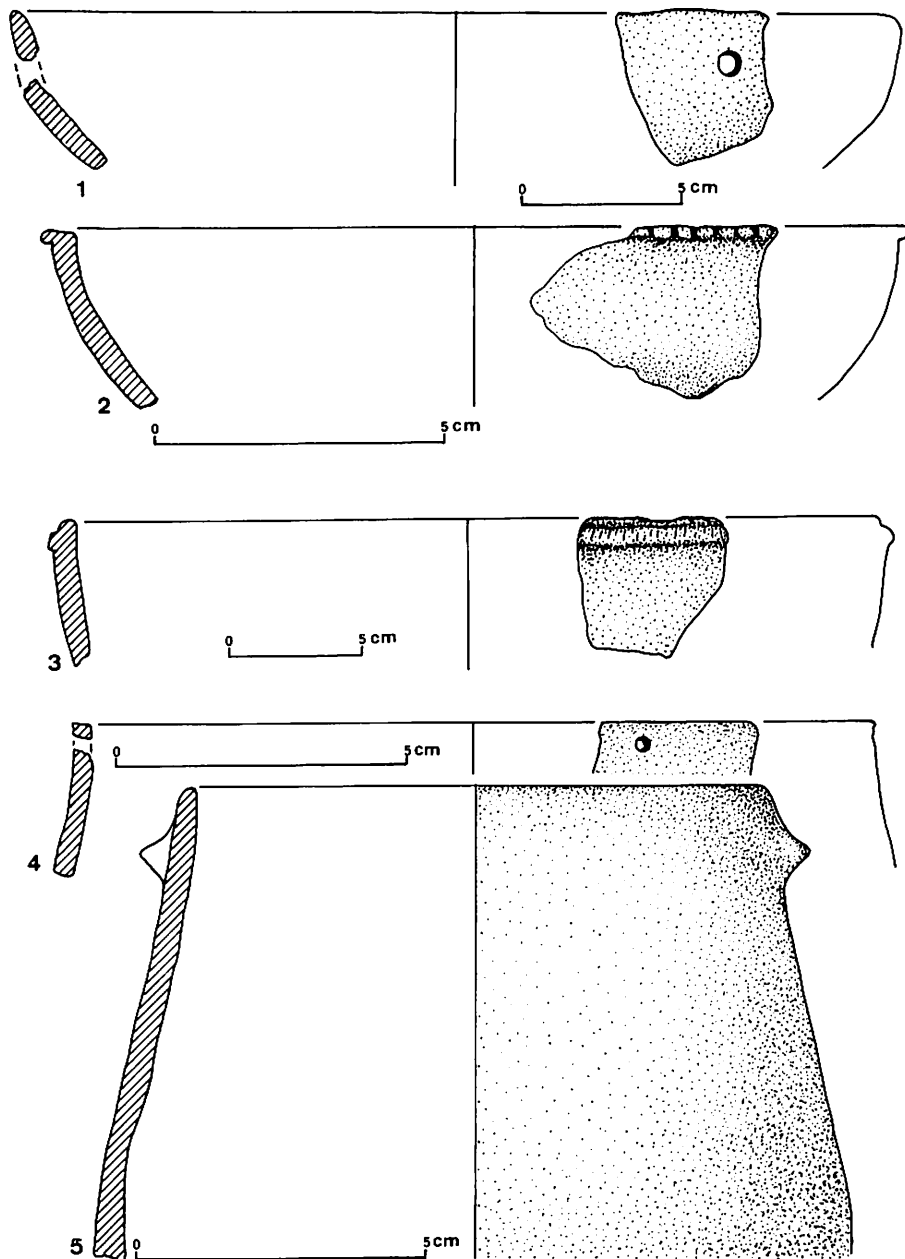


Fig.14 – Ponta da Passadeira. Pequena amostra de recipientes cerâmicos, sem representatividade estatística: taças (nos.1-3), raramente com o bordo denteado (n.º2), ou decoradas por cordão segmentado (n.º3); formas ovóides (nos. 4 e 5) de tendência piriforme, por vezes providas de pegas mamilares (n.º 5)

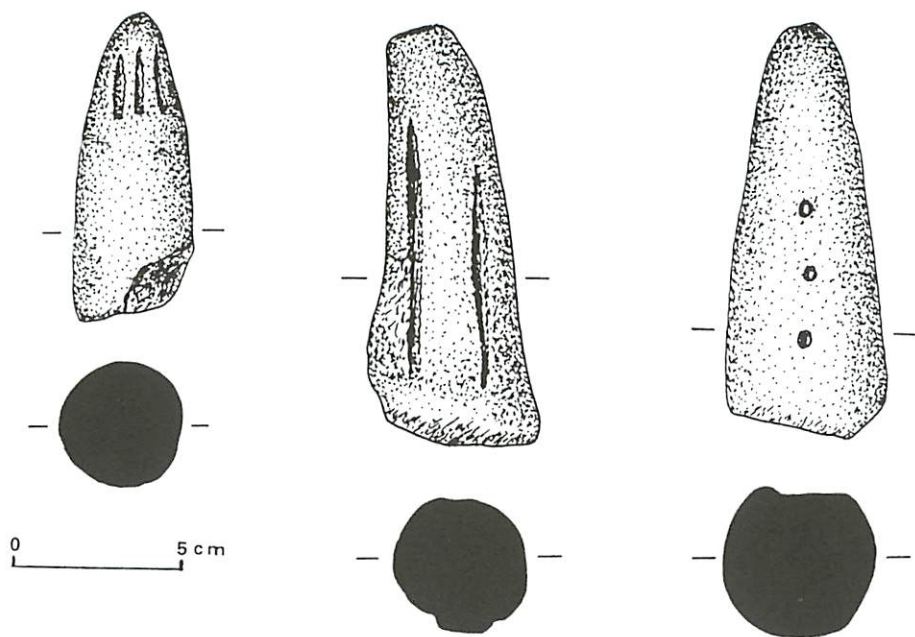


Fig.15 – Ponta da Passadeira. Corniformes singulares portadores de decoração incisa e impressa



Fig.16 – Ponta da Passadeira. Conjunto de corniformes singulares. Foto de Guilherme Ferreira

## QUADRO I

Datações radiométricas obtidas para a ocupação do Neolítico final/  
/Calcolítico inicial da Ponta da Passadeira (Barreiro)

Amostras ref.	Material	Datas BP	Datas Corrigida	Datas cal BC 1 $\sigma$	Datas cal BC 2 $\sigma$
UBAR – 461 (PAS/1)	Conchas de <i>Venerupis decussata</i>	4700 $\pm$ 50	4320 $\pm$ 60	2882-3030	2703-3097
OxA – 6389 (PAS/2)	Calcâneo humano	4305 $\pm$ 70		2880-3040	2650-3300
Beta – 126092 (PAS/3)	Conchas de <i>Venerupis decussata</i> )	4600 $\pm$ 70	4220 $\pm$ 80	2628-2907	2576-3017 (2877, 2791, 2789)
Beta – 126093 (PAS/4)	Conchas de <i>Venerupis decussata</i>	4550 $\pm$ 70	4170 $\pm$ 80	2611-2884	2492-2916 (2865, 2808, 2755, 2723, 2700)
Beta – 126094 (PAS/5)	Conchas de <i>Venerupis decussata</i>	4650 $\pm$ 70	4270 $\pm$ 80	2706-2920	2617-3077 (2888)
Beta –126095 (PAS/6)	Conchas de <i>Venerupis decussata</i>	4750 $\pm$ 70	4370 $\pm$ 80	2897-3092	2784-3333 (2924)

As amostras de conchas marino-estuarinas foram corrigidas para o efeito de reservatório oceânico ( $\Delta t=380\pm 30$  anos), seg. SOARES (1993). A calibração das datas foi realizada por cortesia do Eng<sup>o</sup> António Monge Soares, a quem agradecemos, seg. o programa de calibração de Stuiver e Pearson (1993).

## QUADRO II

Contextos arqueológicos de proveniência das amostras datadas

Amostra ref.	Sector	Quadrado	Estrutura
UBAR – 461 (PAS/1)	49	D6	Estr. I
OxA – 6389 (PAS/2)	49	C6	Estr. II
Beta – 126092 (PAS/3)	54	D7	Estr. III
Beta – 126093 (PAS/4)	54	E7	Estr. III
Beta – 126094 (PAS/5)	54	G6	Entulheira
Beta –126095 (PAS/6)	54	D9	Estr. V

Estes resultados assemelham-se aos obtidos para os sítios ribeirinhos de:

- Possanco (Comporta), na margem sul do estuário do Sado:  $4270 \pm 50$  BP (CSIC-653); 3011 — 2699 cal BC, a 2 sigma;
- Montes de Baixo (paleoestuário da Rib<sup>a</sup>. de Seixe):  $4170 \pm 60$  BP (ICEN-716); 2900 — 2507 cal BC, a 2 sigma.

As datas da Ponta da Passadeira são, por outro lado, semelhantes às obtidas para ocupações do Calcolítico inicial da Estremadura, dotadas de economias agro-pecuárias : C.3 de Olelas (ICEN-879 =  $4400 \pm 45$ BP e ICEN-939 =  $4360 \pm 60$ BP); Alto do Dafundo (ICEN-466 =  $4300 \pm 60$  BP); C.3 de Leceia (ICEN-674 =  $4370 \pm 60$  BP); fase III 2 a de Zambujal (GrN-7009 =  $4200 \pm 40$  BP).

Se, no que respeita à cronologia, existe na Ponta da Passadeira uma ocupação humana contemporânea do Calcolítico inicial da Estremadura, em termos económico- sociais e de cultura material aquele povoado afasta-se dos contextos calcolíticos característicos dessa mesma região:

- O povoado não possui condições naturais ou artificiais de defesa;
- A economia, de largo espectro, parece ter assentado, em grande parte, em recursos marino-estuarinos;
- Os enterramentos podem ter sido realizados em fossas, nas imediações do povoado (presença de calcâneo humano na massa argilosa de um dos fornos);
- A cultura material é francamente desequilibrada a favor da cerâmica, revelando uma anormal raridade de indústria lítica;
- A cerâmica apresenta índices de decoração muito abaixo dos obtidos para a Estremadura (10,6% no Calcolítico inicial e 29% no Calcolítico pleno de Leceia), aproximando-se dos valores observados no Calcolítico do Sudoeste (TAVARES DA SILVA *et al.*, 1994).

Estaremos, assim, no caminho da identificação da uma divisão socio-territorial do trabalho no centro e sul de Portugal? Ou, pelo contrário, o sítio da Ponta da Passadeira, bem como outros habitats ribeirinhos que a seguir citaremos (Fig.1) correspondem a acampamentos economicamente especializados, na órbita de sítios mais estáveis, de economia agro-pecuária?

## **Enquadramento da Ponta da Passadeira na realidade arqueológica das economias costeiras do sudoeste peninsular**

Na Ponta da Passadeira, graças à conservação parcial da fauna, foi possível constatar a prática de uma economia, que à falta de melhor termo, designaremos por agro-marítima. Embora o estudo da fauna mamalógica ainda não tenha sido realizado, o consumo local de mamíferos afigura-se-nos relativamente escasso. Pelo contrário, os restos malacológicos são abundantes em três das formas mais comuns em meios estuarinos: amêijoia, navalha e ostra.

O sítio de Montes de Baixo, na margem norte do paleoestuário da Ribeira de Seixe (Odemira) ilustra, igualmente, uma situação de economia costeira, mas revela uma especialização mais acentuada que a da Ponta da Passadeira no que concerne à componente faunística: os alimentos de origem animal aí consumidos foram somente invertebrados marino-estuarinos (TAVARES DA SILVA & SOARES, 1997). Esta dieta contrasta claramente com a que terá sido comum em sítios de economia agro-pecuária como o Zambujal (DRIESCH & BOESSNECK, 1976) ou mesmo a Rotura, onde os frutos do mar desempenharam um papel não negligenciável.

Se o tipo de implantação geográfica, a economia e a cultura material da Ponta da Passadeira encontram paralelos nos povoados de Montes de Baixo e Possanco (Comporta III) (TAVARES DA SILVA *et al.*, 1986), o extraordinário desenvolvimento da actividade oleira continua a mostrar-se um facto de grande singularidade. Qual terá sido a finalidade de tão massiva produção cerâmica? Esta questão levou-nos até ao habitat coevo de La Marismilla, localizado na antiga desembocadura do Guadalquivir. Este sítio possui uma implantação semelhante à da Ponta da Passadeira e também aí a cerâmica é muito numerosa, constituindo entulheiras que se distribuem em torno de lareiras em fossa. J. Escacena e colaboradores (1996), confrontados com a extraordinária abundância de cerâmica em La Marismilla, optaram por defender um modelo explicativo centrado na exploração de sal, suportado, essencialmente, pelo registo etnográfico. Assim, a Marismilla ter-se-ia comportado como um estabelecimento sazonal, de uma população de economia ganadeira (gado bovino), que aí se dedicava à exploração de sal através do aquecimento artificial das águas estuarinas. Este método de obtenção de sal determinava o consumo de grandes quantidades de vasos cerâmicos. Após a evaporação da água salgada, a remoção do depósito de sais exigia a fragmentação dos recipientes. À semelhança do que se observa na Ponta da

Passadeira, o repertório cerâmico é muito estandardizado e a indústria lítica, escassa. Na Marismilla, surgiram também peças da cerâmica maciças, em tronco de cone, que se assemelham aos corniformes singulares da Ponta da Passadeira e do Possanco. Essas peças, “morillos”, foram interpretadas como suportes destinados a colocar os recipientes sobre o fogo. A sua associação ao lar é reforçada pela informação da Ponta da Passadeira; a possível utilização como suportes de lareira ou pés de fogareiro não invalida a possibilidade de transportarem uma carga simbólica relacionada com o culto do touro (“ídolos de cornos”), documentado através de outras evidências, nomeadamente as gravuras do santuário exterior do Escoural (GOMES, 1991). O acréscimo da importância do touro na transição para o Calcolítico é explicável pelo importante papel que o gado bovino deteve na Revolução dos Produtos Secundários, enquanto fornecedor de força de trabalho (SHERRATT, 1983).

Mais recentemente, foi encontrado, ocasionalmente, na Praia da Quarteira (Forte Novo)<sup>4</sup>, um outro habitat que oferece evidentes paralelos com os contextos litorais antes referidos.

Em jeito de epílogo, podemos afirmar que a Ponta da Passadeira vem consubstanciar a ideia de um povoamento costeiro e anfíbio, estendido em fita ao longo do SW peninsular, com características próprias, quiçá com partilha da mesma estrutura identitária, face às comunidades do interior, de economia agro-pecuária.

Finalmente, importa sublinhar que a Ponta da Passadeira foi um centro oleiro por agora sem paralelos na nossa Pré-história recente. A finalidade dessa intensa actividade, mesmo em presença da engenhosa hipótese defendida para o sítio da Marismilla, continua por explicar.

## Notas

<sup>1</sup> A investigação arqueológica em curso na Ponta da Passadeira é desenvolvida de forma pluridisciplinar. Da equipa, coordenada pela signatária, fazem parte, para os estudos de geomorfologia litoral, Maria da Conceição Freitas e César Andrade (Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa); os estudos antracológicos estão a ser realizados por Ernestina Badal (Faculdade de Geografia e História da Universidade de Valência); a análise da fauna malacológica ficará a cargo de Carlos Marques da Silva (Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa). A cerâmica, sem dúvida o espólio mais importante da jazida, será estudada por Carlos Tavares da Silva (Centro de Estudos Arqueológicos do MAEDS). Nos trabalhos de campo, deve ser destacada a colaboração de António Júlio Costa (MAEDS). O desenho arqueológico é executado por Jorge Costa (MAEDS). O tratamento dos materiais (lavagem, inventário, restauro) tem sido desenvolvido por Paula Palmeira e Maria João Cândido (MAEDS); as análises sedimentológicas, por Alexandra Isabel Neves Amorim (FC da Universidade de Lisboa).

<sup>2</sup> As análises sedimentológicas das camadas arqueológicas foram realizadas por Alexandra Amorim, no âmbito do estágio curricular em Geologia Aplicada e do Ambiente (1999), na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, sob a orientação dos Profs. Conceição Freitas e César Andrade.

<sup>3</sup> O processo de vitrificação da sílica supõe elevadas temperaturas. Cf. a propósito desta problemática, Abrunhosa *et al.*, 1995. Da actividade de combustão, certamente intensa, ocorrida na Ponta da Passadeira, não se conservaram acumulações de cinzas: os carvões são raros e de pequenas dimensões, facto que pode ser explicado pela lixiviação, favorecida pelo carácter francamente arenoso dos sedimentos.

<sup>4</sup> Sítio arqueológico em estudo por Leonor Rocha. Depósito de materiais no Museu de Loulé.

## Bibliografia sumária

- ABRUNHOSA, M. J.; GONÇALVES, A. A. H. B. & CRUZ, D. J., 1995, Ocorrência de rochas vitrificadas no dólmen do Picoto do Vasco (Vila Nova de Paiva, Viseu). *Estudos Pré-históricos*, vol. III: 167-185.
- CARDOSO, J. L.; SOARES, J. & TAVARES DA SILVA, C., 1996, A ocupação neolítica de Leceia (Oeiras). Materiais recolhidos em 1987 e 1988. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6: 47-89.
- Von den DRIESCH, A. & BOESSNECK, J., 1976, Die Fauna vom Castro do Zambujal. *Studien über frühe Tierknochenfunde von der Iberischen Halbinsel*, 5, Univ. München, pp. 4-129.
- ESCACENA MONTESINO, J. L.; ZULOAGA MONTESINO, M. R. & GUEVARA SÁNCHEZ, I. L., 1996, *Guadalquivir salobre. Elaboración prehistórica de sal marina en las antiguas bocas del río*. Confederación Hidrográfica del Guadalquivir, Sevilla.
- GOMES, M. V., 1991, Corniformes e figuras associadas de dois santuários rupestres do Sul de Portugal. Cronologia e interpretação. *Almansor*, 9: 17-74.
- RAPOSO, L. & CARDOSO, J. L., 1998, *O sítio do Paleolítico médio da Conceição, Alcochete*. Centro de Estudos e Monitorização Ambiental/Lusoponte, Montijo.
- SCHÜTZ, L., 1992, Sistemas tradicionales de cocción cerámica en el Norte de África. *Tecnología de la cocción cerámica desde la Antigüedad a nuestros días*. Asociación de Ceramología, Alicante, pp. 155-169.
- SHERRATT, A. G., 1983, The secondary exploitation of animals in the Old World. *World Archaeology*, 15: 90-104.

- SOARES, A. M., 1993. The 14C content of marine shells: evidence for variability in coastal upwelling of Portugal during the Holocene. *International Symposium on Applications of Isotope Techniques in Studying Past and Current Environmental Changes in the Hydrosphere and the Atmosphere*, Vienna, IAEA: 471-485.
- SOARES, A. M. e CABRAL, J. M. P., 1993, Cronologia absoluta para o Calcolítico da Estremadura e do Sul de Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol.33 (3-4): 217-235.
- SOARES, J., 1996. *Barreiro pré-histórico. Ponta da Passadeira*. Câmara Municipal do Barreiro e Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, Barreiro.
- SOARES, J., 1998, Escavações arqueológicas em Setúbal. *Al-madam*, 2ª S., n.º 7: 8.
- SOARES, J. & TAVARES DA SILVA, C., 1980, O Neolítico da Comporta. In *Descobertas Arqueológicas no Sul de Portugal*. Setúbal, Centro de História das Universidades de Lisboa e Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, pp. 13-17.
- STUIVER, M. & PEARSON, G. W., 1993, High-precision bidecadal calibration of the radiocarbon time scale, AD 1950-500 BC and 2500-6000 BC. *Radiocarbon* 35(1): 1-23.
- TAVARES DA SILVA, C. & SOARES, J., 1986. *Arqueologia da Arrábida*. Lisboa, Ed. S.N.P.R.C.N.
- TAVARES DA SILVA, C. & SOARES, J., 1997, Economias costeiras na Pré-história do Sudoeste Português. O concheiro de Montes de Baixo. *Setúbal Arqueológica*, 11-12: 69-108.
- TAVARES DA SILVA, C. & SOARES, J., 1998, Os recursos marinhos nas estratégias de subsistência da Pré-história do Sul de Portugal. *Al-madam*, 2.ª S., n.º 7: 71-82.
- TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J. & CARDOSO, J. L., 1995, Os povoados fortificados do Monte da Tumba e de Lecia. Elementos para um estudo comparado. *Origens, estruturas e relações das culturas calcolíticas da Península Ibérica (Lisboa 1994)* (Trabalhos de Arqueologia, 7): 159-168.
- TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J.; CARDOSO, J. L. ; CRUZ, C. Souto e REIS, C. A. Sousa, 1986, Neolítico da Comporta: aspectos cronológicos (datas 14C) e paleoambientais. *Arqueologia*, 14: 59-82.